



Saudade das Florestas (Surgimento do Projeto das Espécies Ameaçadas)

Pablo Hoffmann

Hoje eu acordei com saudades. Saudades da floresta que nem tive tempo de conhecer a fundo. Da floresta que, quando avisto depois de uma longa viagem, me traz aquela sensação gostosa de estar chegando em casa. A Floresta com Araucária. Ela é uma floresta única, onde a araucária, com seu formato de candelabro e suas folhas verde escuro fazem uma combinação inigualável com o verde mais claro de outras espécies. A Floresta com Araucária é parte da famosa Floresta Atlântica, aqui do Brasil, e ocorria em grande parte do sul do país, e também em pequeno trecho na Argentina e no Paraguai. Isso quer dizer que era muita floresta, o equivalente a duas vezes o tamanho da Inglaterra. Mas ela foi muito explorada, porque a madeira da araucária, da imbuia e de outras espécies era muito valiosa.

Muitos e muitos navios seguiam para a Europa no século passado, recheados dessas madeiras, que podiam ser usadas para móveis, construções – eram mais de 1 milhão de metros cúbicos por ano. Depois, a floresta foi dando espaço para cidades e para a agropecuária, e hoje está espremida, isolada nos terrenos que eram menos propícios para o uso humano. E muito pouco – quase nada - restou dela, como era, em sua origem. Entre 1930 e 1990, a floresta se esvaiu em velocidade assustadora. Na década passada, já não existiam remanescentes prístinos, e os de melhor qualidade representavam fragmentos dispersos em menos de 1% da cobertura original. E isso deveria ser um motivo suficiente para cuidarmos do que sobrou, certo? Afinal, ela é única e só existe por aqui. Eu, que nasci em meados da década de 1970, já conheci pouco dessa floresta em sua forma próxima da original. Ainda tive chance de ver algumas araucárias grandes, imponentes, majestosas, talvez as mais antigas que restaram.

Imbuías, grandes, mas de tronco torto, porque aquelas mais vistosas, se foram, pois eram mais valiosas, e hoje podem, de repente, até ser um móvel velho de madeira escura e esquecido em sua casa. E isso me deixa preocupado, pois bem poucas pessoas percebem o destino triste que estamos dando a essa floresta – ela continua caindo, infelizmente. Poucos sabem o quanto estamos perdendo com isso – enquanto focamos esforços hercúleos para cuidar da Amazônia, que merece toda a atenção também, esquecemos daquilo que nos cerca - não conseguimos olhar pela janela de nossa casa e perceber que estamos perdendo uma riqueza única, uma variedade de vida incrível que as próximas gerações só poderão conhecer pelas histórias que iremos contar. Trabalhos de monitoramento de desmatamento na Mata Atlântica, que começaram há 30 anos, feitos por duas instituições muito respeitadas no país (INPE e Fundação SOS Mata Atlântica) indicam que a Floresta com Araucária foi a que mais perdeu espaço no Brasil - e as maiores áreas desmatadas ficam no Paraná, o estado que escolhi para viver. Se havia muito pouco de floresta, hoje há quase nada.

A Floresta com Araucária tinha uma grande variedade de plantas e animais. Só de árvores, eram pelo menos 350 espécies. Hoje, muitas delas estão ameaçadas de extinção, justamente porque a floresta perdeu mais de 99% da área que ocupava. Mas a lista, que é grande, poderia ser ainda maior, porque não temos as informações sobre muitas outras espécies. A araucária que dá nome à floresta é uma das poucas espécies de pinheiro nativo do Brasil, e sua semente, o pinhão, traz ao inverno frio aqui do sul do Brasil um sabor sem igual – ele é alimento para os animais, mas também é uma delícia cozido ou assado. Algumas árvores produzem frutos deliciosos, como é o caso da uvaia, da pitanga e da feijoa – sim, a feijoa é nativa do Brasil, embora aqui quase não a utilizemos – parabéns aos neozelandeses que descobriram o quanto ela é saborosa e nutritiva! A pitanga é uma fruta vermelha, bem pequena, pouco menor que uma cereja, mas seu formato lembra uma mini abóbora. Aves adoram, e eu também!

Algumas árvores têm aroma muito agradável, como é o caso da sassafrás, a minha espécie ameaçada predileta. Ela é parente da imbuia, e por seu aroma, foi muito utilizada pela indústria para fabricação de creme dental e perfumes. Ela era cortada sem dó – tiravam até suas grandes raízes da terra para extrair seu óleo essencial, que também podia ser utilizado em equipamentos de precisão, por ser mais estável a variações de temperatura, por exemplo. E assim ela foi desaparecendo, e hoje só é encontrada naquelas florestas em que os donos já tinham alguma consciência de que o futuro de algumas espécies dependia do cuidado da floresta.

Mas vendo a floresta cair todos os dias, eu não podia ficar parado, eu não podia somente me lamentar. Eu decidi trabalhar e ajudar essa floresta, junto com meus amigos da Sociedade Chauá – um grupo de pessoas que ao olharem pela janela e verem a floresta ficando cada vez mais distante, resolveram se unir e lutar para que ela não desapareça. Percebemos que, além da floresta cair muito rápido, ninguém dava atenção às espécies menos comuns ou então ameaçadas. Pouco se sabia sobre a época de encontrar frutos e sementes, e como fazer para produzir mudas – nossa gota de esperança para que elas continuem a existir.

E assim surgiu o projeto que há 10 anos trabalha com essas espécies - procurando, marcando e monitorando as árvores porta-sementes, fazendo viagens a campo (algumas plantas só são encontradas a 6 h de viagem) para colher os frutos, plantar as sementes, acompanhar cada segundo de seu desenvolvimento, até que elas possam ser levadas para o campo e então cresçam! Todas essas etapas são feitas por uma equipe muito apaixonada de técnicos e muitos voluntários que cuidam de cada muda como se fosse uma joia preciosa, desde o momento que a semente é colhida na floresta, passando pelo cuidado na germinação e nos primeiros meses de desenvolvimento no viveiro, até seus primeiros anos de vida em campo. São pelo menos 130 espécies produzidas no Viveiro Chauá, e cerca de 80 delas não são produzidas em nenhum outro lugar - cada uma com um processo de desenvolvimento



Chaua BOLETIM

diferente, que requer um cuidado muito especial de todos que se comprometem com as ações do viveiro. Do viveiro já saíram aproximadamente 40 mil mudas, e a dedicação dessas pessoas todas faz a diferença para essas espécies – sim, elas têm uma chance de sobreviver, mesmo que 99% da floresta que era seu lar já tenha desaparecido.